

O VENTO SOPRA DO NORTE / 1987

um filme de JOSÉ CARDOSO

Realização e Argumento: José Cardoso / **Direcção de Fotografia:** João Costa / **Som:** Gabriel Mondlane / **Montagem:** Fernando Matavele / **Música:** Arão Litsure / **Cenários:** Machado da Graça / **Interpretação:** Lucrécia Paco (Zita), Gilberto Mendes, Emídio de Oliveira, Pinto Monteiro, Benta Langa, António Manuel, Raul Santos, Hernâni Rodrigues, etc.

Produção: Instituto Nacional de Cinema de Moçambique (Moçambique) / **Director de Produção:** José Passe / **Cópia:** da Cinemateca, em 35mm (ampliada do original em 16mm), preto e branco, falada em português, legendada electronicamente em inglês / **Duração:** 101 minutos / **Primeira exibição pública:** 6 de Setembro de 1987, Festival da Figueira da Foz / Inédito comercialmente em Portugal / **Primeira exibição na Cinemateca:** 25 de Janeiro de 2013, “Foco no Arquivo – A Colecção / As Colecções / Cooperação”.

Após doze anos a produzir muitos filmes de cariz documental (entre eles o famoso jornal *Kuxa Kanema*) e algumas ficções, a maioria em co-produção com países como a Jugoslávia, o INAC – Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema de Moçambique e José Cardoso, realizador nascido em 1930 em Figueira de Castelo Rodrigo, que aos dois anos emigrou com os tios para Moçambique e é hoje considerado o decano do cinema moçambicano, aventuraram-se num projecto de grande envergadura.

Pela primeira vez uma longa-metragem juntava uma equipa exclusivamente oriunda de Moçambique, ou seja, muitos técnicos que desde a independência do país participaram nos múltiplos trabalhos do INAC e na sua maior parte foram aí formados, numa das primeiras incursões da produção local pós-independência na ficção de longa duração. Como explicou José Cardoso na altura da estreia de **O Vento Sopra do Norte**, num texto reproduzido no catálogo da edição de 1987 do Festival Internacional de Cinema da Figueira da Foz:

“(…) Este é o primeiro filme feito totalmente por técnicos moçambicanos. Têm todos à volta de 20-30 anos, são todos formados ali [*no Instituto Nacional de Cinema*], são filhos de camponeses. (...) Pretendia, e essa foi a minha proposta ao Instituto, que este filme fosse uma espécie de exame aos técnicos moçambicanos de todos estes anos, doze anos, o Instituto tem os mesmos anos que a Independência do país. Todos estes anos, o que produzimos? Pequenos documentários, uma ou outra longa-metragem, filmes de ficção em co-produção com jugoslavos, etc. (...) A minha proposta foi que este filme mostrasse ao público moçambicano e a nós próprios, como técnicos, o que andámos a fazer, se assimilámos tudo o que nos foi ensinado por técnicos de diversas origens. Foi uma aposta e uma aventura que acho que valeu a pena.”

E valeu realmente a pena, pois **O Vento Sopra do Norte**, na sua revisitação da última fase do colonialismo português, apresenta um incalculável valor histórico, não obstante as suas muitas fragilidades de uma primeira obra produzida num contexto ainda de aprendizagem, embora como os já referidos técnicos envolvidos, cujos nomes são hoje bastante conhecidos, José Cardoso se tenha iniciado antes no cinema, muito concretamente no cinema amador.

Recorremos novamente às palavras de José Cardoso, que nos explicam alguns pormenores sobre a origem do filme e que contextualizam o seu tempo diegético nos últimos anos que precederam a independência moçambicana, um momento crucial para a História do país: “Para fazer este filme fui inspirado pela leitura de uma crónica de Manuel José Pedro, jornalista moçambicano, já falecido, sobre uma determinada situação passada em 1969 na cidade de Xai-Xai. A partir da leitura dessa crónica, escrevi o argumento baseado nas minhas próprias recordações dessa época e também em alguns depoimentos que fui recolhendo para fazer o guião. O filme pretende mostrar a situação nos anos 68-69, quatro anos já depois do início da luta armada da libertação de Moçambique, situação por um lado de um certo alarme, um certo espanto dos colonos, preocupação pelo seu futuro. (...) Por outro lado, também o filme mostra uma outra preocupação de jovens moçambicanos com a situação, um certo despertar de consciência (...). Basicamente o filme foca esta situação. O filme pretende também focar apenas três ou quatro dias do ano de 1969 em vésperas de Natal.”

José Cardoso aponta aqui para algumas das questões que serão centrais na narrativa de **O Vento Sopra do Norte**, como o retrato do quotidiano de dois rapazes e de uma rapariga que lidam com a violência dos colonos, que passa das palavras aos actos num adensar de tensões até que chegam os ventos de mudança. O carácter algo didáctico dos diálogos – ditos por actores amadores que aqui experimentavam o cinema –, e alguma ingenuidade no tratamento das questões, não reduz o alcance do filme, mas há que contextualizar **O Vento Sopra do Norte** num período em que era importante abordar a herança do colonialismo de modo directo e sem rodeios, e num cinema que se pretendia como um meio privilegiado para chegar a uma população em grande parte analfabeta e para o acordar de uma consciência política e social.

É preciso perceber que uma das primeiras medidas culturais pós-revolucionárias foi a criação do INAC e de produções moçambicanas, pois as autoridades de Moçambique independente e Samora Machel depressa perceberam que a constituição de uma nação estava indissociavelmente ligada à constituição de uma nova imagem para essa nação. Daí o famoso (mas abortado) projecto de Jean-Luc Godard para a constituição de uma televisão moçambicana se chamar precisamente “Nascimento de uma Nação”.

Todavia, para lá da sua componente mais militante e da omnipresença de um discurso e de uma iconografia revolucionária, como o cartaz “Portugal na sua verdadeira dimensão”, a reprodução de muitos dos lugares comuns associados aos colonizadores que desembocavam tão frequentemente no luso-tropicalismo, e o retrato do modo como era encarada a guerra e o “espectro do comunismo” dos dois lados, **O Vento Sopra do Norte** investe também na modernidade das suas formas e numa referência à própria história do cinema moçambicano, como percebemos pela citação explícita de **Deixem-me ao Menos Subir às Palmeiras**, de Joaquim Lopes Barbosa, cujo título aparece nas ruas por onde se passeia o jovem casal de protagonistas.

A cópia agora exibida e mostrada pela primeira vez na Cinemateca em 2013 é o produto do restauro feito no laboratório da Cinemateca no âmbito do projecto de cooperação levado a cabo com o Instituto Nacional de Audiovisual e Cinema de Moçambique e com o apoio do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento (IPAD), visando a recuperação do precioso acervo daquele instituto, ao abrigo do protocolo de cooperação tripartido celebrado em 2008 e 2009. Um restauro concluído em 2010 a partir dos materiais originais em 16mm existentes no arquivo daquele instituto moçambicano (negativo de imagem e banda magnética original), com a produção de materiais intermédios de preservação e cópia final no formato de 35mm. Restauro que revela bem a importância da cooperação na salvaguarda e exibição de obras como esta e de outras imagens e sons que são um património comum essencial para compreender a história recente dos nossos países.